

Intolerância Religiosa em Salvador da Bahia – o vis-à-vis entre as igrejas neopentecostais e as religiões de matriz africana

*Serge Péchiné - Universidade Federal da Bahia/
Centre d'Etudes Interdisciplinaires des Faits Religieux/EHESS-Paris*

RESUMO: Com uma metamorfose da paisagem religiosa no Brasil, nascem confrontações entre religiões em Salvador de Bahia, tais como conflitos que se inscrevem no imaginário simbólico de movimentos religiosos neopentecostais que seguem a “Teologia da Guerra Espiritual”. A Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras igrejas desse segmento religioso, formula acusações de bruxaria para com o Candomblé, atualizando uma nova “cruzada contra o diabo”. As religiões de matriz africana no Brasil são de novo o alvo e perante estas provocações, os adeptos dessas religiões criam mecanismos de resistência para fazer recuar a virulência dos ataques. Este artigo nos faz compreender a transformação concreta dos fundamentos da vida em sociedade provocada por uma expansão do esquema perseguidor próprio ao neopentecostalismo e as suas igrejas de “libertação” ou de “descarrego”. Atos de discriminações religiosas vêm com frequência fazerem parte do cotidiano dos adeptos das religiões que sofrem o desrespeito fomentado por fiéis de igrejas neopentecostais.

PALAVRAS-CHAVES: Intolerância religiosa, demonização, discriminação, igrejas neopentecostais, candomblé.

ABSTRACT: With a metamorphosis of the religious landscape in Brazil, born confrontations between religions in Salvador de Bahia, such as conflicts which fall within the symbolic imagery of neo-Pentecostal religious movements that follow the "Theology of spiritual warfare." The Igreja Universal do Reino de Deus, among other churches of this religious segment, formulates charges of witchcraft to the Candomblé, updating a new "crusade against the devil". Religions of african array in Brazil are new target and before these provocations, the adherents of those religions create resistance mechanisms to reduce the virulence of the attacks. This article makes us understand the real transformation of the fundamentals of life in society brought about by an expansion of the charismatic movement Tracker schema itself and its churches of "liberation" or "do I download". Acts of religious discrimination come frequently being part of the daily life of adherents of religions that suffer the contempt fomented by the faithful of neo-Pentecostal churches

KEYWORDS: Religious intolerance, demonization, discrimination, neo-Pentecostal churches, candomblé.

Introdução

O Brasil conheceu durante o século XX uma metamorfose da sua paisagem religiosa. Deslocando sensivelmente as rivalidades, esta situação faz nascer novas confrontações entre religiões. A Salvador de Bahia, conflitos inscrevem-se no imaginário simbólico de movimentos religiosos neopentecostais que seguem a “Teologia da Guerra Espiritual”¹. Nasceram, principalmente da Igreja Universal do Reino de Deus, acusações de bruxaria para com as religiões de matriz africana, seguindo desta forma uma missão principal “de cruzada contra o diabo”.

Adquirir um melhor conhecimento da natureza dos conflitos ligados à pluralidade religiosa apresenta uma pertinência ao mesmo tempo científica e social. Análises de conflitos religiosos que comportam uma dimensão cultural podem mostrar como se desenvolvem relações de poder, mas também possibilidades de negociação, de reconhecimento e mesmo de socialização. Pode-se estudar como a componente religiosa das identidades é solicitada como incentivo de diferenciação e se relaciona de maneira diversa às outras dimensões da identidade e da ação. Pode-se também ser atento à maneira como atores podem mobilizar a religião de maneira utilitarista para adentrar os espaços de liberdade ou de reivindicação, como um recurso entre outros.

O mundo social para os evangélicos e os adeptos das religiões de matriz africana é ao mesmo tempo o produto e o desafio de lutas simbólicas, pelo conhecimento e pelo reconhecimento, nas quais cada um persegue não a imposição de uma representação vantajosa de si, assim como as estratégias “de apresentação de si” analisadas por Erwin Goffman, mas também o poder de impor como legítimos os princípios de construção da realidade social mais favorável ao seu ser social individual e coletivo, bem como a acumulação de um capital simbólico de reconhecimento. “Estas lutas se desenrolam ao mesmo tempo na ordem da existência cotidiana e no interior dos campos de produção cultural que, mesmo se não estão voltados apenas para tal finalidade, como no campo política, contribuem para a produção e a imposição de princípios de construção e de

¹ cf Cecília Loreto Mariz. A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>

avaliação da realidade social”². Assim sendo, a ação do ser religioso enquanto ator social se define a partir duma série de parâmetros (discursos, gestos, olhares, posicionamentos, rotinas), nem sempre assumidos de forma consciente, que têm em vista produzir e/ou consolidar uma imagem de si, insuflando um determinado sentido à interação.

Atualizando uma forma de maniqueísmo radical com leitura feiticista, a controvérsia, fiéis neopentecostais/adeptos de religiões de matriz africana, tem a particularidade que parece anunciar um modo de coabitação destas duas religiões. A Igreja Universal do Reino de Deus alimenta um processo de criação de identidade na adversidade, de acordo com o princípio: “Eu te ataco, por conseguinte tu existes”. Com efeito, quando a Universal acusa o Candomblé de práticas demoníacas, a primeira verdade avançada por este discurso, antes mesmo de “os orixás são demônios”, é “os orixás existem”. Assim, a Igreja Universal, cujo um dos seus objetivos é exorcizar os demônios que se esconderiam sob o manto de divindades de religiões de matriz africana, tem necessidade da existência de cultos que veneram os inquices, os voduns ou os orixás. De lutar contra o outro adotando as suas próprias armas, as Igrejas neopentecostais terminam também por copiar certos traços de práticas rituais que estigmatizam e de confortar assim nas suas existências os demônios que convocam e perseguem.

A cruzada dos neopentecostais constitui sobretudo uma crítica dirigida para com as religiões de matriz africana e ela faz entrar sem diferença todos os indivíduos neste painel de leitura feiticista onde a violência não é o fato do azar, nem diretamente de um indivíduo, mas do demônio que tomou posse das pessoas. A idéia avançada nesta controvérsia é de fato o reconhecimento antes que a denegação, visto que o combate contra alguém é uma forma de integração. A controvérsia que estudamos deverá contribuir para compreender a transformação concreta dos fundamentos da vida em sociedade provocada por uma expansão do esquema perseguidor próprio ao neopentecostalismo e as suas Igrejas de “libertação” ou de “descarrego”.

² Bourdieu, Pierre. *Meditações pascalianas* (tradução Sergio Miceli) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 228.

"Xô Satanás".

"Xô Satanás". Ouvindo esta injunção, poderíamos pensar que estamos numa época longínqua quando a demonologia estava de rigor, por exemplo em 1487 quando o livro *Malleus Malificarum - O Martelo das Feiticeiras*³ - foi publicado e cujo os autores fundamentavam as premissas do livro com base na bula *Summis desiderantes*, emitida pelo Papa Inocêncio VIII em 5 de dezembro de 1484, o principal documento papal sobre a bruxaria. Portanto, é nestes termos que hoje no Brasil inteiro, segmentos das igrejas neopentecostais alimentam o conflito para com os espaços de cultos das religiões de matriz africana para perturbar os rituais e seus adeptos. É esses termos "fora sataná" que os testemunhos ouviram no caso emblemático de intolerância religiosa de Ilheus-Ba. Conforme a denuncia encaminhada ao Ministério Público do Estado da Bahia, no dia 23 de outubro de 2010, trabalhadores do Assentamento de Reforma Agrária D. Helder Câmara foram surpreendidos por uma ação de policiais militares, fortemente armados em área federal e sem ordem judicial, que invadiram o assentamento e ameaçaram os assentados, aterrorizaram homens, mulheres e crianças e cometeram contra a sacerdotisa e coordenadora do assentamento Bernadete Souza atos de tortura e uma seqüência de atos de racismo, violência física, psíquica e moral, além de intolerância religiosa. Durante ação policial, o orixá Oxossi incorporou a sacerdotisa que algemada foi colocada e mantida pelos PMs num formigueiro onde foi atacada por milhares de formigas provocando graves lesões, enquanto os PMs gritavam que as formigas eram para "afastar sataná". Enquanto Bernadete (Oxossi), algemada, era arrastada pelos cabelos por quase 500 metros e em seguida jogada na viatura, os policiais numa clara demonstração de racismo e de intolerância religiosa, gritavam "fora sataná"! Na delegacia da Polícia Civil, Bernadete, ainda incorporando Oxossi, foi colocada algemada em uma cela onde só havia homens, enquanto os policiais riam e ironizavam que tinham chicote para afastar "sataná". Os policiais militares registraram na delegacia que a manifestação dos orixás na sacerdotisa Bernadete se tratava de insanidade mental. Esse caso nos remete aos preconceitos que ainda hoje perpassam o

³ O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras (título original em latim: *Malleus Maleficarum*) é uma obra que foi compilado e escrito por dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger e publicado em 1487, dividindo-se em três partes: a primeira ensinava os juízes a reconhecerem as bruxas em seus múltiplos disfarces e atitudes; a segunda expunha todos os tipos de malefícios, classificando-os e explicando-os; e a terceira regrava as formalidades para agir "legalmente" contra as bruxas, demonstrando como inquiri-las e condená-las.

cotidiano de muitos afro-descendentes e que levaram representantes e protetores das leis a demonizar crenças de outros, assim como de considerar que manifestações de entidades são signos de insanidade mental. Este caso fez lembrar a muitos candomblecistas as chamadas “batidas de policiais” contra cultos afro-brasileiros quando, por exemplo, o delegado Pedro Azevedo Gordilho, chamado Pedrito, atuava em Salvador entre 1920 e 1926⁴.

São atualmente as igrejas neopentecostais, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que acusam os cultos afro-brasileiros de praticar a demonolatria. Não poderíamos antes dizer que são os neopentecostais que praticam a demonomania ou são demonopatas, à procura sem trégua de demônios? Estes cultos de possessão que eles demonizam são talvez os que ameaçam mais no mercado de bens simbólicos. Acusar de demoníacas outras religiões serve ainda hoje ao estabelecimento de uma nova religião e a sua ortodoxia assim como Max Weber o sublinhou: “No caso de repressão de um culto por um poder secular ou sacerdotal em prol de uma nova religião, os antigos Deus continuam a existir como *demônios*”.

A associação entre os orixás e a figura do diabo e dos seus demônios é talvez um dos aspectos mais evidentes da discriminação sofrida pelos negros no Brasil. A negação do direito à prática de rituais comuns à África durante o período da escravidão evoluiu, após a abolição, para a construção de uma imagem maligna dos cultos praticados nos terreiros. Estes cultos frequentemente são apontados como praticando a magia negra que visaria atingir o seu próximo. E a intolerância que essas religiões sofrem há muito tempo caracteriza-se de múltiplas maneiras. As religiões de matriz africana tiveram, depois da mobilização dos adeptos de religiões de matriz africana, pelos menos em na Bahia, que esperar o dia 15 de janeiro de 1976, há somente 35 anos, para que o governador do estado da Bahia da época, Roberto Figueira Santos, assina a Lei 25.095 que nesses termos decretou que: "as sociedades que pratiquem o culto afro-brasileiro, como forma exterior da religião que professam, que assim podem exercitar o seu culto, independentemente de registro, pagamento de taxa ou obtenção de licença junto a autoridades policiais". (BRAGA, 1995, p. 180)

⁴ Ver LÜHNING, Ângela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição ao candomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*. n. 28. p. 194-220. 1995-1996.

Essa intolerância religiosa, um cavalo de batalha do racismo, é feito para acentuar a distância entre um grupo determinado e aqueles que vêm como oponentes. O processo que resulta desta relação é uma simplificação sempre abusiva e discriminante. Por trás da intolerância religiosa, há sempre um forte componente de disputa de poder. E também, esta intolerância se amalgama à intolerância política, cultural, étnica e sexual. Está presente no cotidiano dos indivíduos: no ambiente do espaço doméstico, no trabalho, nos espaços privados e públicos. Assume formas subtis de violência simbólica e manifestações extremas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância religiosa é, por conseguinte, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados pela sua condição econômica. Surpreendemo-nos freqüentemente a descobrir a nossa própria intolerância.

Falar de "guerra santa", certamente, a palavra é ligeiramente forte quando comparamos conflitos religiosos que acontecem em países teocráticos, os que se declaram como tal. Mas, ante de tudo, é para apontar o que poderia acontecer quando se deixa destruir assim as bases da democracia, do respeito e da liberdade de consciência e de cultos. Mas o proselitismo da IURD tem outras armas para desenvolver tal guerra. Tem por tema principal, o combate contra as forças do mal, o que é comum a várias religiões teocráticas.

A prática do exorcismo e a expulsão dos demônios, identificado às entidades que pertencem aos cultos de possessão, tem um lugar central. Como observaram os que estudaram de mais perto estes movimentos religiosos, V. Boyer, P. Birman e R. Mariano, entre outros, a ironia é que no ardor a combater a umbanda, o candomblé, o espiritismo e o catolicismo, a Universal justifica a experiência religiosa destas religiões e acaba ela mesma incorporando elementos da fé, da lógica e da visão do mundo do inimigo. É sem dúvida o que fará dizer a A. P. Oro (2006, p. 320) que estamos em presença de uma igreja neopentecostal “macumbeira”, cuja uma das suas características é “sua “religiofagia”, em que ela se apropria e reelabora elementos de crenças de outras igrejas e religiões”. Por sua parte, R. de Almeida (2003, p. 341), se referindo à esta mesma igreja dizia que “no seu processo de constituição, elaborou, pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga” ou ainda que essas igrejas operam uma “fagocitose religiosa”. Até o bispo Macedo, fundador da IURD o admite quando escreve: “Se uma

pessoa chegar a Igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas poderá pensar que está num centro de macumba, e parece mesmo” (Macedo, 1987, p. 135).

É assim que E. Macedo se insere numa linha teológica que se amplifica mundialmente e que foi identificada como a "Teologia da Guerra Espiritual", junta à "Teologia da Prosperidade". Não é raro de cruzar fiéis de igrejas neopentecostais que vestem camisas nas quais podemos ler: “Guerreiros... Vamos vencer esta guerra”, ou ainda “Exercito do Reino de Deus. Alista-se”. Estamos defronte de uma forma de fundamentalismo cristão quando pastores de certas igrejas neopentecostais pregam a discriminação, a intolerância e o ódio, diabolizando tudo que faz referência a religião concorrente, se utilizando de passagem da bíblia. De acordo com os diversos especialistas que estudaram o neopentecostalismo, resulta que estas igrejas extraem abundantemente as representações locais para reformulá-las. Os males dos fiéis dessas igrejas são muitas vezes atribuídos as supostas ações das entidades que são celebradas nos cultos das religiões afros. De certa maneira, o neopentecostalismo, e a IURD especialmente, reconhece certa legitimidade a estes cultos.

Quem não viu os rituais de exorcismo nos templos e catedrais da IURD, ou nos canais da Rede Record, não imagina a qual ponto é uma visão do inferno que se apresenta. É uma verdadeira “lavagem cerebral”, nas palavras dos que já transitaram por essas igrejas. É ai que se vê pastores e fiéis gritarem "queima, queima" como se era o diabo que tinha que se inflamar.

Durante estas sessões, onde os *soi-disant* espíritos malignos são intimados a se manifestar para serem controlados, estes são associados facilmente a comportamentos transgressores. E a Universal se oferece como capaz de manipular estas forças para acelerar a vinda do Reino de Deus. “Pretende opor às “forças do mal” as “forças do bem”, as forças de um poder infinitamente superior, um "Potência do Espírito" colocada ao serviço dos que são perseguidos pelas "forças do mal". É preciso considerar que as igrejas neopentecostais, isto é a IURD, a Deus é Amor, a Internacional da Graça de Deus, a Mundial da Fé, por só citar as mais conhecidas, ao transformar as entidades e os espíritos em diabos, exigem dos conversos um rompimento com estes espíritos no sentido de desenraizá-los de si, ao invés de mantê-los como parte das suas identidades construídas localmente.

A feitiçaria nos tempos neopentecostais

“Fetichismo”, não é uma expressão inocente. Inventada, mas, sobretudo reinventada e tendo por fim uma intolerância e uma incompreensão (Marcel Mauss o chamou “um mal-entendido”⁵), ela resume a história dos nossos prejuízos em relação as civilizações situadas além da nossa indulgência⁶.

O estudo da noção de fetichismo a partir dos primeiros contatos dos portugueses com os povos africanos e percorrendo os textos de viajantes protestantes desta época revela que emergiu uma representação dos usos e costumes do outro com o qual os intelectuais do iluminismo forjaram as suas elaborações que vão até uma teoria geral das religiões primitivas, que seria o feiticismo.

Como se pergunta P. Birman (2009), “o que está acontecendo com o emprego da feitiçaria nestes tempos pentecostais”. A palavra pentecostal na enunciação de atos de feitiçaria aparentemente tem falado mais alta e com mais vigor do que quaisquer outras nos tempos atuais. Tudo indica que acusações de feitiçaria têm circuladas principalmente nos lugares onde se mostra acentuado o combate pentecostal ao mal diabólico. Os evangélicos, no cotidiano, através de menções à feitiçaria, cuja origem estaria nos cultos afro-brasileiros, denunciam crimes nefandos e atos de barbárie, provocando horror e estarrecimento para os fiéis nas igrejas, nas rádios e nas televisões.

Em muitos casos, os testemunhos dizem que a aflição não resulta do desígnio direto de uma entidade sagrada, mas da ação maléfica de outros. A ação de outras pessoas pode envolver a manipulação de recursos sobrenaturais (com ou sem auxílio de um especialista religioso), o feitiço, ou simplesmente ser resultado de olho grosso, a capacidade que têm certas pessoas de passar influências negativas através do olhar. Embora, no caso do feitiço, ocorra intervenção de entidades ou poderes sagrados, esta é colocada a serviço da intenção de um ser humano de fazer mal a outrem.

⁵ “Quand on écrira l’histoire de la science des religions et de l’ethnographie, on sera étonné du rôle indu et fortuit qu’une notion du genre de celle de fétiche a joué dans les travaux théoriques et descriptifs. Elle ne correspond qu’à un immense malentendu entre deux civilisations, l’africaine et l’européenne; elle n’a d’autre fondement qu’une aveugle obéissance à l’usage colonial, aux langues franques parlées par les Européens, à la culture occidentale”, *L’Année Sociologique* (1907).

⁶ Michèle Tobia-Chadeisson (2000). *Le fétiche africain. Chronique d’un “malentendu”*. Paris: L’Harmattan, p. 65.

Como o mostrou Yvonne Maggie em *Medo do Feitiço* (1992), a República promulgou leis contra as práticas mágicas e a medicina paralela. Esta legislação foi extremamente ambígua porque permitiu a perseguição das práticas, e de alguma forma reconheceu indiretamente a sua eficácia: as leis não perseguiram todas as práticas mágicas e espíritas, mas unicamente as consideradas para enganar ou fazer o mal. A autora conclui que a discussão era construída sobre uma crença comum: sobre a existência e sobre o medo do feitiço. Como se aprende na história das religiões, e mais naquela das religiões dos oprimidos⁷, as crenças dos oprimidos estão sempre reduzidas à magia, feitiçaria e superstição, como se tinha uma definição de se ligar com o grande Outro. Isso aconteceu com os africanos transportados para o Brasil como escravo e também persistiu no período pós-abolicionista em relação aos negros livres. De fato, uma das acusações mais frequentes aos terreiros de Candomblé durante a Primeira República era a prática de feitiçaria.

Atualmente, quando se assiste aos programas radiofônicos ou televisuais das igrejas neopentecostais, estamos frequentemente convidados aos cultos: “dia de descarrego”; “meia-noite do descarrego”; “noite de quebra de feitiço”, “Sexta-feira forte, desencapetamento total”. Não é raro que pastores que apresentam tais programas, quando fiéis se referem às razões das suas desgraças, respondem sem hesitar: “Foi feitiço, uma bruxaria, um trabalho, uma feitiçaria que alguém fez contra você! Comparece a nossa igreja... ”.

Vimos que já se estabelece no primeiro contato, uma relação com feitiçaria, feitiço e bruxaria. Antes de tudo, estar na igreja é uma garantia de proteção contra as forças malignas. Si nas igrejas neopentecostais, os pastores falam com insistência de bruxarias, feitiços, magias e demônios, logo os testemunhos dos fiéis que foram libertos se dizem atingidos por atos ou divindades das religiões de matriz africana. Referindo-se aos símbolos que se atribui geralmente a magia “negra”, estas igrejas contribuem para solidificação de princípios que paradoxalmente é os de religiões que combatem. Exploram desta forma os testemunhos e os exorcismos de fiéis que querem se livrar de suposta “bruxarias, trabalhos e feitiçarias”.

⁷ Ver Vittorio Lanternari (1974). *As religiões dos oprimidos. Um estudo dos modernos cultos messiânicos*. Ed. Perspectiva: São Paulo.

Como o sublinha Paulo Bonfatti (2000: 93-107): “para Igreja Universal não existe médio termo: o mundo é dividido entre pessoas "libertas" e "não libertas", e são estes últimos que sofrem a constante ação do diabo”. É o diabo e as suas legiões a causa dos males. Contudo, a causa é sempre homogênea: a possessão por “encostos”. Um amplo significado que engloba uma fonte mística eminentemente afro-brasileira (“Exù da morte”, “Maria Padilha”, os orixás, etc.) e que invadiria a vida das pessoas através de uma multidão “de trabalhos” ou “bruxarias” como, por exemplo: “objeto íntimo no refrigerador”, “trabalho com vinho espumante ou pipoca”, “vela vermelha”, etc. Há basicamente duas possibilidades que causam todos os males: ou a pessoa teve alguns tipos de contato com as religiões afro-brasileiras ou alguém fez uma bruxaria.

Intolerância

A “guerra santa”, movida por igrejas neopentecostais de missão contra as religiões de matriz africana tem tido uma propagação extraordinária em todo o Brasil e, é cada vez mais acirrada na Bahia. O povo-de-santo tem uma clara percepção de que a violência crescente é uma doença terrível do coletivo; comparte os riscos e danos de sua infrene propagação.

As redes de solidariedade que se entretecem nos terreiros são um fator de coesão muito poderoso. Como se sabe, o tecido social se esgarça quando organizações populares desse tipo são ameaçadas. Elas são um obstáculo ao domínio da violência.

Uma prova dolorosa disso já foi dada no Rio de Janeiro, onde bandos de criminosos têm-se empenhado em expulsar candomblés dos territórios que dominam na Baixada Fluminense.⁸ Infelizmente, como uma onda que ninguém quer ver, entre novembro de 2009 e junho de 2010, deram-se em Salvador sete ataques de narcotraficantes a terreiros, segundo registro feito pela Associação pela Preservação da Cultura Afro-Ameríndia (AFA) e observado pelo Projeto Loroçum. De fato, aconteceram três homicídios e um terreiro foi totalmente demolido pelos criminosos. Um pai-de-santo ameaçado teve de se refugiar no interior do Estado e até hoje não pôde retornar a Salvador. Outra vez, em setembro de 2009, jornalistas registraram que “adeptos da religião dos orixás residentes no bairro de Tancredo Neves” estavam sendo perseguidos por bandidos que exigiam a retirada de todos os terreiros da área. Ainda, em abril de 2010, os membros de um Ilê Axé de outro bairro receberam *ultimatum* de narcotraficantes:

⁸ *Jornal Extra*, 15 de março de 2008. *Fala Egbé* (Informativo do Projeto Egbé / Koinonia) agosto de 2008.

deveriam abandonar o terreiro até as 18 horas do dia do aviso, caso não quisessem morrer no incêndio de suas casas. Outros candomblecistas da localidade foram expulsos poucos dias depois: são agora mais de sessenta nesta situação⁹.

A intolerância religiosa já se tornou também um grave problema de saúde pública em Salvador. O povo-de-santo é duplamente atingido nesse processo. A intolerância religiosa afeta os fiéis do candomblé ao infligir-lhes vexames (agressões e calúnias) que geralmente ficam impunes; por outro lado, produz um cerceamento de seus direitos, quando levam profissionais a marginalizá-los e mesmo a excluí-los da prestação de serviços públicos a que fazem jus. Os agentes de saúde do aparelho de estado que aderiram às novas igrejas fundamentalistas sentem verdadeira repulsa pelos candomblés, que consideram “casas do diabo”. Ódio e temor juntam-se em sua atitude para com o povo-de-santo e os levam a excluí-lo de seu cuidado, do horizonte de sua prática profissional.

Na intolerância há gradações. O mostra um depoimento de uma filha-de-santo que descreveu a maneira como agentes endêmicos chegaram e se comportaram no terreiro. Eles tiveram uma postura de completo desrespeito pelas regras que regem aquele espaço. Eles foram pouco cordiais com o babalorixá; acessaram sem nenhuma permissão as áreas sagradas do terreiro, mexeram em objetos sagrado para aquela comunidade e colocaram serragem em lugares em que haveria água. Ela mesma disse que estes assentamentos têm ligação direta com o equilíbrio das pessoas aos quais eles foram relacionados e que ela mesma sofreu de enormes dores de cabeça, sem saber a razão, até que descobriu que um dos objetos revirados era o objeto de ligação direta com ela. Este relato mostra como o ato de tentar preservar a saúde da população sem conhecer as particularidades e diferenças nela presentes podem ter efeito contrário ao desejado.

Também durante o 1º Seminário de Religiões de Matriz Africana e Saúde que aconteceu os dias 14 e 15 de setembro de 2007 em Lauro de Freitas-RMS, uma pessoa ligada ao candomblé testemunhou que teve de ouvir que “*a infecção hospitalar é responsabilidade das religiões de matriz africana*”.

⁹ Dados do projeto Lorogum que trata da violência contra terreiros na Bahia.

Os preconceitos e os atos discriminantes para com as religiões de matriz africana que perpassam os órgãos públicos também se encontram nos sistemas de ensinos. Por exemplo, O Ministério Público Estadual (MP-BA) notificou a Secretaria da Educação de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador, que o gestor desta se posicione sobre as denúncias de prática de intolerância religiosas contra a Escola Municipal Zumbi dos Palmares. A instituição de ensino infantil gerada pelo convênio entre prefeitura e terreiro de candomblé é 2ª escola da Bahia e a 1ª de Camaçari a funcionar numa área pertencente a um terreiro. De acordo com o Tatá de Inquices Ricardo Tavares, idealizador do projeto, um grupo de evangélicos se reuniu em frente ao educandário no dia 21 de fevereiro de 2011 durante inauguração da escola, com faixas e bíblias para pedir o fechamento da instituição. Ele diz que “os interesses raivosos de um pequeno grupo estão tentando acabar com a felicidade de toda a comunidade. Eles visitam as casas dos alunos para convencer os pais a tirá-los da escola. Chegam a dizer que os praticantes do candomblé fazem sacrifício de crianças e que logo elas começarão a sumir”.

Quando nas escolas, a juventude que ousa se afirmar sendo adeptos de religião de matriz africana sofre preconceitos, de outro lado, as altercações na rua entre evangélicos e adeptos dos cultos afro-brasileiros se tornaram comum. Quantas vezes ouvimos depoimentos como aquele de Evandro de Logum, de um terreiro em São Gonçalo do Retiro, que chamou a atenção para a necessidade das pessoas viverem em paz sem desrespeitar o espaço e as manifestações alheias: “Eles (os evangélicos) me provocaram dizendo que serviam a Jesus e eu servindo ao diabo. No entanto sirvo ao mesmo Jesus deles. A diferença é que nós também cremos nos orixás. Quando eles passam com a Bíblia debaixo do braço não fazemos nenhuma critica, por isso pedimos que quando nós passarmos com nossas contas eles também nos respeitem”.

Põe-se então aos habitantes do Salvador a coexistência muitas vezes difícil com as igrejas evangélicas e “os crentes” que têm o deplorável hábito de querer se implantar mais perto dos terreiros como se constata em vários bairros de Salvador. Precisa de muita auto-estima para responder as varias formas de desrespeito as quais devem se defrontar os candomblecistas frente à ousadia dos neopentecostais. O depoimento a seguir, de uma ekede de um terreiro no Engenho Velho de Brotas em Salvador que tem

que conviver há 15 anos com uma IURD, que veio se implantar ao lado mostra a que ponto pode chegar o desrespeito.

“Um dia de manhã, depois de zelar os orixás, quando cheguei ao beco onde fica a entrada do terreiro, vi que eles jogaram sal grosso, continuei subindo e tinha certeza que foram eles. Destranquei o portão, tinha eles fazendo o culto deles. Ai fui entrando na igreja, parecendo um filme de terror, o diabo entrando e eles com surpresa. Falei: cadê o Pasteur, ele continuando pregando. Cheguei junto dele e bati na mesa e diz: vim saber se é você o pastor dessa , diz um palavrão (que ela não pude me dizer, pois ela estava me contando dentro do barracão), que esta ficando irresponsável por fazer invasão de domicilio, pois isso aqui do lado não pertence a vocês, respeito é bom e todo mundo gosta, aqui não é qualquer casa, vocês chegaram e já encontraram, eu quero respeito , eu exijo. Vou dar 5 minutos para estar tudo limpo, tudo varrido, tudo no ponto, pois se não tiver, quem vai entrar aqui jogar farofa com azeite, cachaça, sou eu, pois aí vão conhecer o verdadeiro demônio que vocês tanto chamam. Diz assim para eles. E tudo mundo agora, vamos levantam, levantam aí essa bunda toda. Minha cunhada se embolava de rir, eu dizendo: varri aqui, limpa aqui, eu quero tudo lavado, tudo agora. Depois disso, nunca mais. Hoje, as meninas passam tipicamente vestidas e as pessoas não dizem nada. Não queremos mais tolerância, nós queremos respeito.”

Considerações finais

Podemos sentir que é considerável o impacto da nova investida contra os ritos das religiões de matriz africana, promovida com virulência e com recursos muito poderosos por empresas eclesiais que têm o controle de meios de comunicação de massa e sabem muito bem empregá-los. Seus pastores promovem a incriminação do candomblé, da capoeira, das tradições negras — e logram sucesso inegável em induzir a auto-rejeição de homens e mulheres pobres, humilhados por preconceitos incidentes sobre sua condição de cor, de classe, de origem; fazem-no com uma pregação enfática baseada no convite a abandonar, em troca de sucesso, uma identidade sentida como deteriorada. Desse modo, levam muitos a se dessolidarizar dos mais próximos — e principalmente dos mais envolvidos com os códigos da negritude assim rejeitada.

O mal tem uma multidão de formas. O medo dos outros ou o temor de ser diferente torna-se uma dessas formas. Um imperialismo social da identidade tende a se instaurar e seria o reino da tautologia: sobre o modo de não poder se aceitar diferente, cada cristão fundamentalista suportaria apenas a sua própria imagem da verdade, de modo que todos devam dizer ou ser a mesma coisa.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. “A Guerra das Possessões”, in A. P. Oro; A. Corten & J. P. Dozon. Igreja Universal do Reino de Deus. Os Novos Conquistadores da Fé. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 321-42.

BIRMAN, Patrícia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Oct. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200001&lng=pt&nrm=iso. acesso em 31 maio 2011

BONFATTI, Paulo. A expressão popular do sagrado: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000.

BRAGA, Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador, Bahia : EDUFBA, 1995. *Jornal Extra*, 15 de março de 2008. *Fala Egbé* (Informativo do Projeto Egbé / Koinonia) agosto de 2008

LÜHNING, Ângela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição ao candomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*. n. 28. p. 194-220. 1995-1996. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/28/14-angela.pdf>

MACEDO, Edir. Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?. Rio de Janeiro, Universal Produções, 1987

MARIZ, Cecília L. A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>

ORO, Ari P. O neopentecostalismo macumbeiro. *Revista USP*, São Paulo, v. 68, p. 319-332, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/68/27-ari-oro.pdf>

RODRIGUES, Nina R. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Apresentação e notas Ivonne Maggie, Peter Fry. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Editora UFRJ, 2006.

TOBIA-CHADEISSON, Michèle. *Le fétiche africain. Chronique d'un “malentendu”*. Paris: L’Harmattan, 2000.